

**DESTRUIÇÃO DA MATA ATLÂNTICA E POVOS TRADICIONAIS:
interfaces que contribuem com o racismo ambiental
DESTRUCTION OF THE ATLANTIC FOREST AND TRADITIONAL
PEOPLES: interfaces that contribute to environmental racism**

Inaldo do Nascimento Ferreira¹

RESUMO: O termo racismo ambiental pode ser expressado de diferentes formas. Uma delas, ocorre quando populações mais pobres e marginalizadas são afetadas de forma sistemática e desproporcional por questões ambientais negativas. Não muito distante, a destruição da Mata Atlântica contribui para consolidação do racismo ambiental, tendo em vista que grande parte da população que vive em torno da floresta, sofre com a sua degradação, contribuindo para o distanciamento da equidade de raça, etnia e de classe. Neste sentido, os povos ou comunidades tradicionais são os mais afetados, pois em muitos casos, tem a floresta como ambiente para buscar a sua subsistência ou outras conexões com a natureza. A pesquisa, com abordagem qualitativa, envolveu entrevistas semiestruturadas com 10 pessoas que moram por mais de 30 anos ao redor dos dois fragmentos de Floresta Atlântica situados no município do Paulista-PE, buscando compreender suas interações com a floresta e os impactos da destruição do bioma nas vidas dessas pessoas.

Palavras-chave: Vulnerabilidade Social; Floresta; Biodiversidade; Biomas.

Abstract: The term environmental racism can be expressed in different ways. One of them occurs when poorer and marginalized populations are systematically and disproportionately affected by negative environmental issues. Not far away, the destruction of the Atlantic Forest contributes to the consolidation of environmental racism, given that a large part of the population living around the forest suffers from its degradation, contributing to the separation of race, ethnicity and class. In this sense, traditional peoples or communities are the most affected, because in many cases, they have the forest as an environment to seek their livelihood or other connections with nature. The research, with a qualitative approach, involved semi-structured interviews with 10 people who live for more than 30 years around the two fragments of Atlantic Forest located in the municipality of Paulista-PE, seeking to understand their interactions with the forest and the impacts of the destruction of the biome on the lives of these people.

Key-words: Social Vulnerability; Forest; Biodiversity; Biomes.

INTRODUÇÃO

O termo racismo ambiental foi empregado pela primeira vez nos Estados Unidos na década de 80, durante protestos por justiça ambiental no condado de Warren, contrários à instalação de um aterro sanitário para resíduos tóxicos em um território habitado majoritariamente por pessoas da raça negra, onde o contexto racial era traço marcante para

¹ Doutor em Biologia de Fungos. Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: inaldoferreira1@yahoo.com.br

preconceito e segregação. Iuri (2023). Segundo Pacheco (2016), embora totalmente diferente da forma como historicamente se manifestou e manifesta ainda nos Estados Unidos, o racismo está indubitavelmente presente na sociedade. Por mais que a herança negra esteja presente na maioria da população brasileira biológica e culturalmente, o racismo se configura, aqui, de formas diferenciadas, muitas vezes inconscientes. Com estudos mais aprofundados e atendendo outras demandas, o termo racismo ambiental tomou outra proporção e dimensões antes não mencionadas, como populações tradicionais, grupos étnicos e pessoas que vivem em extrema situação de pobreza.

Neste contexto era inevitável que outras pautas como necropolítica, colonialismo botânico, justiça climática, ancestralidade, direito da terra e etnocentrismo, fossem imbuídas na temática da questão socioambiental. Herculano (2008) afirma estar convencido de que a injustiça ambiental resulta da lógica perversa de um sistema de produção, de ocupação do solo, de destruição de ecossistemas, de alocação espacial de processos poluentes, que penaliza as condições de saúde da população trabalhadora, moradora de bairros pobres e excluídos pelos grandes projetos de desenvolvimento. De fato, não podemos falar de racismo ambiental sem antes nos reportarmos as alterações drásticas que nós, seres humanos, estamos causando ao planeta, recaindo de forma implacável sobre as populações mais vulneráveis pelo sistema capitalista e da era do consumo. Não muito distante, a destruição dos ecossistemas florestais é uma das principais preocupações de todos os países, pois representa a principal ameaça para extinção de vida no planeta.

Neste sentido, as florestas tropicais estão entre os ecossistemas mais ameaçados da terra. Nos últimos anos, mais da metade da área original de florestas tropicais do planeta foi perdida. Inacreditavelmente, mesmo com o entendimento cada vez maior sobre a sua grande importância para a humanidade como um todo, o fim da destruição das florestas tropicais parece estar longe de acontecer. Embora ocupem uma área relativamente pequena da superfície terrestre, os impactos causados pela destruição das florestas tropicais causam consequência catastróficas em escala planetária, indo muito além da extinção das espécies que habitam esses ambientes e o massacre de povos que possuem culturas intimamente associadas com a floresta. Junto com a queima de combustíveis fósseis e outras atividades industriais e de geração de energia, a destruição das florestas representa uma das maiores

contribuições para o aumento dos gases do efeito estufa responsáveis pelas mudanças climáticas (Lima, 2021).

A Mata Atlântica é apontada como um dos hotspots mundiais, pois apresenta uma grande biodiversidade, espécies endêmicas, e que apresenta alto grau de ameaça. Atualmente, pouco resta da cobertura original do bioma no Brasil, devido principalmente ao desmatamento, aquecimento global, incêndios e especulação imobiliária (Ferreira, 2024).

A relação entre a Mata Atlântica e povos tradicionais é muito mais entrelaçada do que se pensa, pois além do extrativismo, as matas são sagradas para pessoas de algumas tradições, como os povos de terreiro de candomblé, rezadeiras e originários, sendo o lugar onde retiram suas ervas sagradas, litúrgicas e medicinais, bem como habitam a ancestralidade e oralidade desses povos. Sob o ponto de vista socioeconômico é de grande importância que a Mata Atlântica se mantenha de pé, pois muitas pessoas que vivem ao redor da floresta, retiram dela o seu sustento financeiro. Já na questão ambiental, este bioma proporciona muitos benefícios à humanidade através de serviços que regulam o nosso ambiente, desde a circulação de água através da atmosfera, à estabilização dos solos, armazenamento de carbono que de outra forma contribuiria para o aquecimento global, além de fornecimento de habitat para uma série de espécies, dentre outros pontos vitais. Diante do exposto, tendo como pano de fundo compreender os diversos significados do racismo ambiental, o presente trabalho mostra a percepção de moradores que vivem no entorno de dois fragmentos remanescentes da Floresta Atlântica, no Nordeste do Brasil, sobre os impactos causados nas suas vidas pela destruição da floresta.

METODOLOGIA DE ESTUDO

Foi utilizado um questionário semiestruturado, seguindo os critérios de Albuquerque *et al.* (2021), com algumas adaptações, para entender o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes das pessoas que vivem e possuem alguma conexão com as florestas. O trabalho foi realizado traçando os perfis de 10 moradores, seis mulheres e quatro homens, todos acima de 50 anos e que utilizam os recursos naturais de duas florestas no município do Paulista/PE. Todos os moradores que participaram dessa pesquisa moravam na Comunidade do Frio, situada na área periférica da cidade do Paulista,

Região Metropolitana de Recife, por mais de 30 anos. Foi utilizando também o método de observação participante, que consiste em acompanhar o cotidiano dessas pessoas, sua relação com a Mata Atlântica, compartilhando suas vivências, sabedorias, ancestralidade e oralidade. As entrevistas, a observação “*in loco*” de pesquisa, bem como a utilização de imagens, e falas, foram realizadas mediante o consentimento formal dos moradores, que assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

Descrição da área e comunidade de estudo

A Reserva de Floresta Urbana (FURB) Mata de Janga, localizada no Perímetro Urbano do Município de Paulista/PE ($7^{\circ}55'18''S$ - $34^{\circ}52'41''W$), foi criada em 2011 pelo Sistema Estadual de Unidades de Conservação (SEUC) por meio da Lei Estadual nº 14324/2011 e possui 332,8 há (Figura 1A). O Parque Municipal Mata do Frio (Figura 1B), também localizado no Município do Paulista, Região Metropolitana do Recife ($7^{\circ}95'58''S$ - $34^{\circ}88'46''W$), possui 40 ha de Mata Atlântica e está protegida por Lei Municipal. Apesar de serem protegidas por lei, as duas florestas estão muito próximas de áreas urbanas, sofrendo uma rápida degradação ambiental, sobretudo pelo desmatamento e especulação imobiliária através da verticalização da cidade.

Figura 1: 1A – FURB Mata do Janga; 1B – Parque Municipal Mata do Frio



Fonte: Autor

A Comunidade do Frio está assentada no centro da cidade do Paulista, no estado de Pernambuco (Figura 2), desde a década de 50, onde boa parte dos moradores viviam da indústria de tecelagem da cidade; com o fechamento da fábrica Aurora há mais de 50 anos, boa parte foi morar em outros locais. Os poucos que ousaram permanecer, criaram um

vínculo muito forte com a Mata Atlântica, seja ele por motivo de subsistência, religiosa, medicinal ou mesmo de relação afetiva. Atualmente, a comunidade vive sob forte pressão da especulação imobiliária que, aos poucos, destrói a floresta e toda a sua biodiversidade. A Comunidade do Frio possui alto grau de vulnerabilidade social, vivendo, na sua maioria, com a ajuda de programas do governo federal e complementando sua renda com produtos oriundos da floresta.

Figura 2 : Mapa de localização onde estão inseridas a Comunidade do Frio e as Unidades de Conservação de Floresta Atlântica no município do Paulista, Estado de Pernambuco, NE do Brasil.



Fonte: IBGE

RESULTADO E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa, foram obtidas várias evidências de que existe um forte racismo ambiental na Comunidade do Frio, sobretudo daquelas impostas pelas empresas de construção civil que se instalaram no município, verticalizando a cidade, diminuindo drasticamente as áreas verdes, sobretudo projetando-se em áreas próximas da mata e da comunidade. A fala dos moradores é repleta de significados, de luta e resistência em permanecer em seu território, mesmo sendo prejudicados pelo rápido desaparecimento do ambiente florestal, comprovando um racismo ambiental velado em detrimento da relação de poder. Como destaca o senhor Jerônimo, de 75 anos, coletor de cipós (Figura 3), que aprendeu desde pequeno, a sempre colher em pequenas porções o que é ofertado generosamente pela natureza, para que o meio ambiente complete seus ciclos vitais e consiga se regenerar com mais rapidez. No entanto ele aponta que a floresta já não é mais a mesma

pelo desaparecimento de algumas plantas trepadeiras, de onde tira seu sustento, como descrito abaixo:

“Coletos cipós de maneira artesanal há 30 anos, para confeccionar samburá (cesto utilizado pelos pescadores para guardar e carregar os peixes) e vender na feira. Tinha muitas encomendas feitas pelos pescadores artesanais, hoje não tenho mais por conta da dificuldade de encontrar cipós na mata. Tenho que caminhar muito para conseguir os cipós que antes era abundante. Acredito que os cipós que estão presos nas árvores estão desaparecendo pela destruição da floresta.”

Figura 3: Imagem do Sr. Gerônimo, dentro do Parque Natural Mata do Frio, município do Paulista, Pernambuco, Nordeste do Brasil.



Fonte: Autor

Grande parte dos cipós coletados pelo Sr. Gerônimo pertence ao grupo das lianas, plantas que geralmente crescem sobre as árvores da floresta. Fica evidente que com o desaparecimento das árvores, as lianas também desapareceram, pois perderam sua base de sustentação. Conforme Schintzer e Bongers (2002) destacam, as lianas são fundamentais para compreender e quantificar a transpiração, o sequestro de carbono e a ciclagem de nutrientes das florestas (Putz & Mooney, 1991), além de favorecerem a estabilidade do microclima florestal nas estações frias e secas, melhorando as condições de germinação e estabelecimento de plântulas de espécies arbóreas (Morellato e Leitão-Filho (1991). O fato mencionado pelo morador citado acima, aponta duas situações conflitantes dentro da floresta: a relação ecológica, que afeta diretamente o bioma e a questão etnobotânica, que afeta diretamente a vida socioeconômica desses coletores, obrigando em muitos casos, ao abandono de seu ofício tão importante para a relação homem/natureza.

“Tenho muito medo de ser agredido ou morto por essa gente que querem destruir a mata, já denunciei e já fui ameaçado, ainda mantenho a luta ambientalista, mais com muito medo”. senhor Jerônimo, de 75 anos, coletor de cipós.

O depoimento acima é um fato muito comum para os que defendem o meio ambiente, nos confins deste país. Aqueles que ousam lutar, denunciar e proteger a floresta, estão sujeitos a todo tipo de agressão, inclusive com a sentença de morte. A situação não se restringe ao Nordeste do Brasil, jornais de diversos países relatam com frequência ameaças, agressões e mortes de ativistas ambientais, evidenciando o alto nível de perigo para aqueles que defendem a floresta e a pauta ambiental. Segundo aponta a global Witness, ONG sediada no Reino Unido que monitora a situação de pessoas que são mortas por protegerem seus territórios e recursos naturais, o Brasil foi o país mais letal para ambientalistas no mundo, no ano de 2022. Sendo assim, as minorias que vivem ao redor das florestas e que lutam por seus territórios, estão em constante exposição social, permanecendo muitas vezes em silêncio diante do extermínio das árvores, por medo da violência. Neste sentido, o racismo ambiental se configura por ameaças, agressões e até perda da vida dessas pessoas menos favorecidas e de alta vulnerabilidade social. Seu José, 50 anos (Figura 4) é um dos que dependem da floresta para sobreviver, coletando ervas medicinais na mata, de onde mantém sua família, vendendo plantas em saquinhos, garrafadas e xaropes nos mercados da cidade.

“Coleta diversa ervas para vender nas feiras, coloco para secar e vendo em saquinhos. Faço também garrafadas, com frutos, sementes e cascas para curar diversos males. Hoje, quase não existem algumas plantas que mais vendia, entre elas o Barbatimão; mutamba e aroeira”. Seu José, 50 anos, vendedor de ervas.

“Coleta somente o necessário para minha subsistência, já vivo de coletas de ervas há mais de 15 anos, conheço esta mata como a palma da minha mão, não sei o que será de mim se esta floresta desaparecer”. Seu José, 50 anos, vendedor de ervas.

A fala marcante de seu José mostra claramente a estreita relação que ele possui com a floresta e de tudo que nela habita. Este vínculo, vai além da subsistência, pois sua preocupação com a manutenção da mata representa um estágio mais profundo do cuidar, situação que somente aqueles que pertencem à floresta, sabem expressar.

Figura 4: 4A-Imagem de seu José, vendendo ervas em saquinho coletadas na floresta; 4B – Imagem da planta canela de viado (*Helietta apiculata* Benth), dentro da FURB Mata do Janga, município do Paulista, Pernambuco, Nordeste do Brasil.



Fonte: Autor

Quando uma floresta perde parte da sua diversidade vegetal, todo legado da população tradicional que domina as ervas também desaparece, causando uma grande lacuna nos saberes populares que mantém as tradições até os dias de hoje. Tal fato se reverbera na concepção de pertencimento e territorialidade que pode cair no esquecimento, deixando sérias sequelas para a etnobotânica.

“Não posso deixar que meu saber das ervas seja esquecido, já denunciei várias vezes a destruição da mata, mas tenho muito medo, essa gente é rica, tem poder, tenho medo do que pode acontecer comigo e com a minha família se ficar denunciando”. Seu José, 50 anos, vendedor de ervas.

Sabemos que não é fácil enfrentar um capitalismo extremista que se baseia no consumo exagerado, que destroi os sistemas florestais e sua biodiversidade em detrimento de seus interesses. Aqueles que ousam defender os ambientes naturais, denunciando, fazendo refletir ou repensando outras concepções de ligação harmônica entre a cidade e a floresta, correm um grande risco de retaliação ou de perderem suas vidas por defenderem a pauta ambiental. Dona Maria, 67 anos, moradora há anos na Comunidade do Frio, Rezadeira e Yalorixá (Figura 5), revela que, cada vez mais, fica difícil obter as ervas que antes eram abundantes dentro da floresta. Sua coleta é realizada de forma artesanal, sacral e ritualística, retirando somente o necessário para exercer seu ofício de sacerdócio e nas práticas de cura com ervas medicinais.

“Herdei essa memória afetiva pelas plantas litúrgicas e medicinais da minha antiga mãe de santo, no culto dos orixás e nas benzeduras. Também faço lambedores e chás para meus vizinhos para curar muitas doenças, mas já não

acho muitas ervas no mato, algumas tenho que comprar na feira”. Dona Maria, 67 anos, Rezadeira e Yalorixá.

O papel que dona Maria desempenha na floresta, denominamos de fitoantropologia ancestral, termo utilizado neste artigo, para designar pessoas que manipulam as ervas de maneira artesanal, seguindo os ritos de seus antepassados, utilizando as plantas da floresta como veículo dispersor de cura, seja ela física, mental e/ou espiritual, além de estabelecer uma forte conexão com suas divindades. Segundo Ferreira e Manso (2022a) os tradicionais Povos do Axé, que professam sua fé dentro dos terreiros de Candomblé, possuem sua fundamentação cosmológica, nos aspectos naturais, sobretudo, das ervas, pois é nelas que habita toda a sua ancestralidade. As suas divindades, os Orixás, estão ligadas ao fio condutor da existência, entre o mundo físico e o mundo material, representado pela Natureza.

Segundo Ferreira & Manso (2023), para os povos de matriz africana, todos os aspectos naturais são sagrados, como a mata, o rio, o mar, a chuva... Por isso, eles são reconhecidos como protetores da natureza. Nesse sentido, a utilização de plantas, tanto para uso medicinal, litúrgico como espiritual é um mecanismo de perpetuação de sua sabedoria, o como também uma forma de contribuição para manter a riqueza e a diversidade biológica, além de possuir um valor antropológico e cultural. Tomando como ponto de partida a fala de dona Maria, citada acima, o saber fitocosmológico dessas ervas sagradas vai muito mais além do que a nomenclatura botânica clássica. Neste sentido, as plantas representam o valor mítico ao qual se ligam e se prendem através da botânica decolonial, princípios extraídos principalmente da cultura afro-indígena. De acordo com Ferreira & Manso (2022b), as rezadeiras são mulheres fortes, empoderadas e hábeis na prática da obtenção de cura. Através dos seus cânticos, posicionamento de mãos e utilização de ervas, medicinais ou litúrgicas, elas conseguem desempenhar um papel de extrema relevância na etnobotânica, guardando os segredos das plantas, que foram repassados por seus ancestrais. Além disso, desempenham um forte papel social, principalmente, em áreas periféricas.

Figura 5: Imagem de dona Maria, Rezadeira e Yalorixá do terreiro Abatundé



Fonte: Autor

Assim como os outros entrevistados, para dona Inácia, 75 anos (Figura 6), coletora de frutas, a floresta representa um valor imensurável para a sua subsistência.

“Coletó frutas dentro da floresta desde meus 30 anos, comercializo nas feiras dos diversos bairros da cidade e utilizo para me alimentar em casa junto com a minha família, ente elas: araçá, jenipapo, pitanga, macaíba, dendê, ingá, cajá, dentre outras”.

Essas frutas enquadram em sua maioria como plantas alimentícias não convencionais (PANC), ou seja, são aquelas que não conhecemos, não produzimos ou consumimos pouco. O termo “não convencionais” significa que não são produzidas ou comercializadas em grande escala, cujo cultivo e uso pode cair no esquecimento (Ranieri *et al.*, 2017).

Figura 6: Imagem de dona Inácia, vendendo frutas no mercado



Fonte: Autor

Mesmo sendo desconhecidas por grande parte das pessoas, as frutas da Mata Atlântica são bastante conhecidas pelos povos tradicionais, fazendo uso dessas reservas nutricionais por séculos. Estas frutas correm sérios riscos de desaparecerem, conforme foi verbalizado por dona Inácia: *“Tenho muito medo da floresta desaparecer, esses prédios me assustam. Como vou sobreviver distante da mata e das frutas que colete?”*. Segundo Ferreira (2024a), é preciso se solidarizar com tamanho desafio, de enfrentar, denunciar e encorajar as futuras gerações o cuidado com este ecossistema, possibilitando assim, a desaceleração de sua rápida devastação, promovendo a sustentabilidade ambiental e seus espaços de pertencimento e territorialidade. Não é fácil transgredir, transcender e resistir diante de um sistema que se revela extremamente excludente, ao ponto de destruir uma floresta e toda a sua história ancestral, delimitando território de pessoas que vivem e estão na floresta por séculos, eliminando toda sabedoria de manuseio sustentável, toda oralidade, e domínio etnobotânico do bioma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas e observações com os participantes, evidenciou que a comunidade do frio sofre sério risco de desaparecimento assim como a Mata atlântica que está ao seu redor. As falas contundentes revelam que existe interesses financeiros, sobretudo da especulação imobiliária, para que a população se desloque para outro lugar, indicando que existe um racismo ambiental velado sobre a comunidade. Durante a pesquisa, as evidências de conexão dos povos que vivem na Comunidade do Frio com a floresta foram muito fortes, sobretudo o cuidado, manuseio e manipulação das plantas, existindo claramente uma memória afetiva singular, denotando uma ligação entre ancestralidade, oralidade e preservação da floresta. Quando se perde um território ancestral, perdemos também todas as possibilidades de entendermos melhor toda a conexão etnobotânica, causando uma ruptura no espaço e no tempo, sinalizando uma perda imensurável de saberes, entre esses povos, seu pertencimento, sua territorialidade e todo o seu legado.

Concordando com Ferreira (2024b), é urgente a “Retomada da floresta” e a reocupação ancestral das matas sobre os espaços das cidades. Essas lutas também devem acontecer nos espaços urbanos para desconstruir de forma provocativa a ideia de que a

floresta só tem cunho exploratório, corrigindo assim a justiça social e os direitos dos povos que vivem e retiram recurso sustentáveis dela. Os que querem a derrubada da floresta para interesses financeiros pouco se importam com as mazelas sociais que podem trazer para a comunidade local, como perda da biodiversidade vegetal, desaparecimento de frutas da mata, apontados pelos moradores da Comunidade do Frio, além do aumento da temperatura, inundações, dentre outros fatores que ameaçam os povos tradicionais da referida comunidade. Infelizmente as comunidades que vivenciam o racismo ambiental diariamente, em muitas situações, não tem a quem recorrer, pois o poder público, que deveria agir para mitigar os danos causados para essas pessoas se omitem, contribuindo para a segregação das minorias, aumentando as mazelas sociais.

Compreender a floresta é mais que uma pauta, e se sentir parte dela numa perspectiva de integralidade e conexão tanto para os que vivem dentro dela, quando para os que estão ao entorno dela. Segundo Ferreira (2024a) Fazer ecoar as questões que se relacionam aos clamores contra o que o nosso planeta vem sofrendo, por meio de diversas linguagens diversificadas e provocativas, pode estabelecer um modo de escuta às vozes daqueles e daquelas que agem por uma revolução cognitiva, habitando um mundo que precisa urgentemente renascer. Ao construirmos cidades e nos afastarmos da mata corremos um sério risco de perder a conexão primordial, fator essencial para coexistência. Porém, enquanto houver sementes, embora poucas, mas persistentes pela ânsia de querer germinar, um outro futuro será possível, abrindo diálogos entre o mundo urbano e o mundo natural.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino. P.; **CUNHA**, Luiz Vital Fernando Cruz da; **LUCENA**, Reinaldo Farias Paiva; **ALVES**, Rômulo (orgs.). Métodos de Pesquisa Qualitativa para Etnobiologia, 1ª ed., Recife, PE: Nupeea, 184 p. 2021.

FERREIRA, Inaldo Nascimento. **EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Ensino, Pesquisas e Diálogos: Micologia e Educação Ambiental: Por uma Floresta Mais Sustentável**. Ed. TerriED, Alegrete/SC, p. 24-36. 2024.

_____. Diversidade Sexual, Etnobotânica e Crise Ambiental. Pesquisas Acadêmicas em Múltiplos Olhares, 1 ed. Alegrete, RS: Editora TerriED, p. 96-113. 2024.

_____; **MANSO**, Eliane Cardoso. **HERBÁRIO VIRTUAL ZUMBI DOS PALMARES: Combatendo a Intolerância Religiosa Contra os Povos Tradicionais de Terreiro de Candomblé**. Fórum de Metodologias Ativas, São Paulo, SP, v.4, n.1, p.1-15, 2023.

_____. A Etnobotânica dos Povos do Axé. Simpósio de Estudos Multidisciplinares em relações étnico-racial e diversidade. 2022a.

_____. Benze que Passa: Importância das Rezadeiras na Etnobotânica. Universidade federal de Sergipe. VIII Semana de Biologia de Itabaiana, Sergipe, p. 120. 2022b.

HERCULANO, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental, Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente - v.3, n.1, p. 1-20. 2008.

HIURI, Paz. Racismo Ambiental e Mobilidade Urbana na Cidade do Rio de Janeiro, Revista Desafio Mobilidade, p. 178-203. 2023.

LIMA, Luciano. Conhecendo mais sobre as florestas tropicais, Iniciativa Interreligiosa pelas florestas Tropicais. p. 1-5, 2021.

MORELLATO, Patrícia; LEITÃO-FILHO, Hermógenes de Freitas. Levantamento florístico da comunidade de trepadeiras de uma floresta semidecídua no Sudeste do Brasil. Boletim de Museo Nacional. Nova série, botânica, v.103, p.1-15, 1998.

PACHECO, T. Racismo Ambiental, o que é isso? Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: professores.uff.br/seleneherculano/wpcontent/uploads/sites/149/2017/09/Racismo_3_ambiental.pdf. Acesso em: 07/05/2024.

PUTZ, Francis; MOONEY, Harold. The Biology of Vines. Cambridge University Press, Cambridge, p. 357-375, 1991.

_____. How trees avoid shed lianas. Biotropica, v.16, p. 19-23, 1984.

RANIERI, Guilherme Reis; BORGES, Felipe; NASCIMENTO, Vinícios; RODRIGUES, Juliana. **GUIA PRÁTICO SOBRE PANC:** plantas alimentícias não convencionais. São Paulo, Instituto Kairós, 44p. 2017.

SCHNITZER, Stefan A; BONGERS, Frans. The role of lianas in forests. Trends Ecology Evolution, v.17, p.67-73, 2002.